

# Cadernos **IHU** *ideias*



JESUÍTAS BRASIL

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)  
ano 18 • nº 306 • vol. 18 • 2020



## Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas

Rosana Batista Almeida



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

**UNISINOS**

Cadernos  
**IHU** *ideias*

**Impactos Ambientais de Parques  
Eólicos no Semiárido Baiano:  
do licenciamento atual a novas  
perspectivas**

Rosana Batista Almeida

Mestra em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Pernambuco -  
UFPE e Engenheira Civil no Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos  
INEMA-BA

**ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)**  
**ano 18 • nº 306 • vol. 18 • 2020**



**Cadernos IHU ideias** é uma publicação quinzenal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

## UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

**Reitor:** Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

**Vice-reitor:** Pedro Gilberto Gomes, SJ

### Instituto Humanitas Unisinos

**Diretor:** Inácio Neutzling, SJ

**Gerente administrativo:** Nestor Pilz

[ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)

### Cadernos IHU ideias

Ano XVIII – Nº 306 – V. 18 – 2020

ISSN 1679-0316 (impresso)

ISSN 2448-0304 (online)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

**Conselho editorial:** MS Rafael Francisco Hiller; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca.

**Conselho científico:** Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

**Responsável técnico:** Bel. Guilherme Tenher Rodrigues

**Imagem da capa:** Pixabay

**Revisão:** Carla Bigliardi

**Editoração:** Guilherme Tenher Rodrigues e Ricardo Machado

**Impressão:** Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003). – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003. . v.

Quinzenal (durante o ano letivo).

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.

Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013).

ISSN 1679-0316

1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 316

1

32

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

---

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil

# IMPACTOS AMBIENTAIS DE PARQUES EÓLICOS NO SEMIÁRIDO BAIANO: DO LICENCIAMENTO ATUAL A NOVAS PERSPECTIVAS

***Rosana Batista Almeida***

Mestra em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE  
e Engenheira Civil no Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (INEMA-BA)

## **Introdução**

A crise energética impulsiona a implantação de Parques Eólicos no Brasil e particularmente no Semiárido do Estado da Bahia. As jazidas de vento de interesse na Bahia concentram-se em regiões do Semiárido baiano, como Caetitê, Pindaí, Sento Sé, Sobradinho, Casa Nova, Igaporã, Campo Formoso, dentre outras, inseridas predominantemente no Bioma Caatinga. Após a operação de três Parques Eólicos, em 2015, o estado passou a ocupar o quarto lugar no ranking nacional em produção de energia, com meta para alcançar o primeiro lugar (PAN-BRASIL, 2015).

A energia eólica consiste em fonte limpa, mas seus impactos tornam-se nítidos principalmente na fase de implantação dos Parques e Complexos Eólicos. Alterações nas características dos meios físico, biótico e socioeconômico são previstas, devido à abertura de acessos, deslocamento de veículos e trabalhadores, exploração de áreas para jazidas e bota-foras e, por conseguinte, interferências na vida de pessoas em comunidades e cidades.

O rito do licenciamento, instrumento da Política Nacional de Meio Ambiente (Lei 6.938/81), se dá por meio da análise de processo para emissão da Licença Ambiental. Este instrumento deve, pois, ser aprimor-

rado e fortalecido, ajustando-se às práticas mais eficientes para melhoria da qualidade ambiental. A análise do processo de licenciamento ambiental realiza-se pelo corpo técnico do órgão executor da política de meio ambiente em cada Estado da Federação, como o que ocorre na Bahia, pelo Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Inema), ou mesmo município delegado por este.

Estudos desenvolvidos no Semiárido de Pernambuco (LACERDA et al., 2015) destacam um cenário de aumento de temperatura e diminuição da precipitação no Bioma Caatinga devido ao desmatamento.

O objetivo deste artigo consiste em verificar se, na análise de processos para concessão de Licenças Prévia e de Implantação, existe alguma abordagem sobre os possíveis efeitos cumulativos da supressão de vegetal sobre o aumento de severidade à desertificação e perspectivas de mudanças no comportamento da temperatura e do regime de chuvas. Neste aspecto, vale ressaltar a urgência do tema, já que as mudanças de temperatura e a ocorrência de eventos extremos (secas e inundações) caracterizam as mudanças no Clima, marcadas por consequências econômicas, políticas, sociais e ambientais à vida no planeta.

A análise dos efeitos cumulativos destes empreendimentos numa dada bacia ou microbacia, por vezes, é apontada por meio de condicionante de Licença Prévia, por exemplo. Para concessão da Licença de Implantação (LI), a área técnica analisa o cumprimento, dentre outros, dessa condicionante. A importância da mesma aponta a fragilidade do Bioma, frente à supressão de vegetação necessária à implantação. Vale notar que a prioridade deste tipo de empreendimento para o Estado deve estar em sintonia com os Planos de ação nacional e estadual de combate à desertificação, com o objetivo, inclusive, de se antever em relação ao agravamento do processo de desertificação, já verificado nestas áreas.

Os impactos socioambientais cumulativos de vários empreendimentos devem ser avaliados a partir de metodologias consistentes. Na prática, porém, a análise é desenvolvida de forma pulverizada e desprovida de metodologia adequada. Portanto, a sustentabilidade da atividade durante a operação, com minimização e não geração de resíduos, efluentes e emissões, não deve afastar o aprofundamento da análise em cada fase de licenciamento, prioritariamente na de implantação.

A ausência de prática desta análise indica a predominância do pensamento cartesiano, reducionista. Apesar de os processos serem analisados por uma equipe interdisciplinar, não há análise das possíveis interações da implantação de diversos Parques Eólicos, como cita Pombo (2005): “a interdisciplinaridade é o lugar onde se pensa hoje a condição fragmentada das ciências e onde, simultaneamente, se exprime a nossa

nostalgia de um saber unificado”. A abordagem, portanto, deve se aproximar de um saber complexo, como o proposto por Edgar Morin.

## Revisão de Literatura

### *Fonte Eólica para a Geração de Energia Elétrica*

O Relatório Wind Force (1999) aponta que é possível complementar em 10% com energia eólica a energia elétrica mundial (GREENPEACE et al., 1999 apud TERCIOTE, 2015). No Brasil, até o ano de 2015, 322 (trezentas e vinte e duas) usinas eólicas foram implantadas no país, com capacidade instalada de 8,12 GW (gigawatt) e estimativa anual de redução de emissão de CO<sub>2</sub> de 14.555.407 (quatorze milhões, quinhentos e cinquenta e cinco mil, quatrocentos e sete) toneladas. Em novembro de 2015, atingiu-se 139.498 MW (cento e trinta e nove mil, quatrocentos e noventa e oito megawatts) em parque gerador de energia elétrica, participando, até então, com 4,9% do parque gerador nacional. Com relação ao período citado, a expansão do sistema totalizou 5.070,84 (cinco mil e setenta, oitenta e quatro) MW de capacidade instalada de geração, 2.737,5 (dois mil, setecentos e trinta e sete, cinco) km de linhas de transmissão de Rede Básica e 14.472 (quatorze mil, quatrocentos e setenta e dois) MVA (megavolt-ampere) de transformação na Rede Básica (PAN-BRASIL, 2015).

Na Bahia, existem cerca de 46 (quarenta e seis) Parques Eólicos, atingindo potência instalada de 1,2 GW na produção de energia eólica, o que corresponde à metade da energia distribuída no estado na atualidade. Em construção, existem 164 Parques Eólicos, a maior quantidade entre os Estados da União (PAN-BRASIL, 2015).

O aproveitamento de energia eólica não ocasiona a geração de Gases de Efeito Estufa, ao contrário das fontes tradicionais que utilizam combustíveis fósseis. De acordo com Terciotte (2015), podem-se citar os aspectos positivos desta fonte sustentável, dentre os quais a redução de dependência de fontes sujas e não renováveis; a utilização de pequenas áreas de forma comparativa; a compatibilização com outras atividades (pastagens e agricultura); a baixa emissão de poluentes (operação); a diversificação da matriz energética, com ligação à rede; a tendência de decréscimo dos custos tecnológicos ao longo do tempo. Por exemplo, pode-se evitar a emissão de 20.000 a 36.000 toneladas de dióxido de carbono por meio de uma turbina de 600 KW (quilowatt), a depender do regime do vento e do fator de capacidade durante 20 anos de vida útil

estimado, comparando-se com geração convencional (EWEA, 2000d apud TERCIOTE, 2015).

Considerando os aspectos listados, a energia eólica despontou como alternativa sustentável para geração de energia elétrica. No entanto, cabe destacar que sua implantação requer atenção, sobretudo nos impactos ambientais (leia-se: socioambientais), os quais devem ser discutidos amplamente. Na fase de operação, os impactos são menos significativos em relação à fase de implantação e a outros tipos de empreendimentos.

### **Impactos ambientais na implantação de Parques Eólicos**

Apesar de se concordar com a urgência de se implantarem Parques Eólicos na Bahia, devido à minimização de impactos relacionados à implantação e operação de hidrelétricas, termelétricas etc., deve ser utilizada uma avaliação mais real e eficaz dos impactos aos meios físicos e bióticos da implantação de (uma) quantidade significativa de Parques Eólicos no território da Bahia.

Os elementos constituintes de um dado Parque ou Complexo Eólico correspondem aos acessos interno e externo; praça de aerogeradores; pátios de montagem; canteiro de obra; áreas destinadas a jazidas e botaforas; subestação; soluções para resíduos, efluentes e emissões; bem como suprimento de energia, água e insumos em geral.

Os impactos ambientais relacionados à implantação dos Parques Eólicos estão relacionados àqueles de caracteres social (desapropriação/ indenização de terras/interferências de deslocamento de máquinas e funcionários), físico e biótico (supressão de vegetação; interferência na fauna e avifauna; emissão de ruídos; geração de poeira; impacto visual; alterações na geometria do relevo, nas redes naturais de drenagem e uso do solo; suspensão, carreamento de partículas e condições de aporte de sedimentos).

Serão apontados alguns impactos, como emissão de ruído e interferências à fauna, para a fase de operação, bem como impactos considerados positivos.

Se os Parques Eólicos são instalados em áreas importantes para as aves, principalmente migratórias, altas taxas de mortalidade são detectadas (TRAVASSOS et al., 2005 apud ICMBio, 2014). Em 1993, na Espanha, registrou-se o maior acidente deste tipo, incluindo inúmeras espécies ameaçadas de extinção, nas proximidades de Tarifa. O Projeto não considerou sua intervenção nas principais rotas de migração de pássaros da Europa Ocidental (DEWI, 1996 apud TERCIOTE). Os locais de concentração de aves migratórias na Bahia correspondem a Cacha Pregos, Ca-

mamu, Paramirim, Mangue Seco e Parque Nacional Marinho de Abrolhos. No Brasil, não existem estudos quantitativos acerca do impacto desta atividade sobre a avifauna. Deve-se, por conseguinte, evitar a instalação de Parques tanto em áreas de grande concentração de aves quanto naquelas coincidentes com as principais rotas de migração (ICMBio, 2014).

Para Governigo (2009 apud TERCIOTE, 2015), há também outros fatores para as colisões de aves em Parques Eólicos, como condições meteorológicas, atividade e comportamento da espécie, abundância da mesma, morfologia e fisiologia da espécie, corredores de migração, características orográficas, dentre outros.

As origens do ruído são mecânica e aerodinâmica. Enquanto o ruído aerodinâmico depende da incidência do vento sobre a turbina eólica, o ruído mecânico tem a sua origem na caixa de engrenagens, ou inclusive pelo contato com a nacela. O emprego de gerador elétrico multipolo, que funciona a baixa rotação, diminui significativamente a taxa de ruído (TERCIOTE, 2015). Ainda de acordo com o autor (2015), a emissão de ruído varia de acordo com a aleatoriedade do seu funcionamento e a variação da frequência do ruído. Este último fator varia conforme a velocidade de propagação do vento. A Alemanha, por exemplo, recomenda 45 dB (decibéis), em suas Leis, com o afastamento de 200 (duzentos) metros em relação ao habitante mais próximo.

A compatibilização de usos é apontada como um impacto positivo da implantação de Parques Eólicos, o que deve ser verificado, por meio de monitoramento. Em inspeção de campo, realizada por equipe técnica do Inema, em Parques Eólicos já implantados, pode-se observar que a agricultura de subsistência e a criação de animais no Semiárido foram afetadas pela atividade. A comunidade descreveu como impactos negativos o decréscimo na qualidade e disponibilidade de água; dificuldade de acesso à propriedade após a implantação, prejuízo de cultivo durante e após as movimentações de terra (obras civis); restrição de área de pastoreio dos animais. Observou-se que, por vezes, o empreendedor restringe o acesso de animais às áreas de taludes, objeto do Plano de Recuperação de Áreas Degradadas (Prad), de forma a garantir a regeneração.

#### *Aspetos Relevantes sobre o Semiárido*

O Semiárido baiano está inserido no Bioma Caatinga, que, fitogeograficamente, ocupa cerca de 11% do território nacional, abrangendo os estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Minas Gerais (SILVA et al., 2004).

O Semiárido é caracterizado por baixos níveis de umidade, escassez de chuvas anuais, irregularidade no ritmo das precipitações ao longo dos



anos, prolongados períodos de estiagem, solos salinos e ausência de rios perenes (AB'SABER, 1977).

O manejo inadequado do solo configura-se como fator que acentua progressivamente a severidade das condições edafoclimáticas, com aumento da superfície de escoamento, dos processos erosivos e decréscimo das áreas de recarga. De acordo com Sá et al (2015) & Angelotti et al (2009), os fatores climáticos e os mecanismos de manejo resultam no processo de desertificação neste Bioma.

De acordo com o Inventário brasileiro sobre Gases de Efeito Estufa (GEE) no Brasil, as queimadas e desmatamentos respondem por 75% das emissões de CO<sub>2</sub>, enquanto as outras fontes respondem por 25% (MARCOVITCH, 2006 apud BARROS, 2015).

O prognóstico de degradação das terras deste Bioma configura-se como alarmante, frente aos fatores citados. Portanto, a implantação de Parques Eólicos não deve refletir em mais um elemento de avanço da frente de desmatamento, o que pode acelerar os processos de desertificação. Lacerda et al. (2015) mostraram alterações nos valores de temperatura e precipitação do Semiárido do estado de Pernambuco.

De acordo com Sá (2015), mais de 50% das áreas do Semiárido brasileiro estão em processo de desertificação acentuado e cerca de 10% a 15% dessa área apresenta severidade muito grande. O desmatamento aliado às condições edafoclimáticas, ou seja, características climáticas e o predomínio de solos de baixa fertilidade, aceleram este processo. A desertificação varia de gradação moderada a severa, sendo um termo utilizado para degradação em regiões áridas, semiáridas e subúmidas secas (UNCCD apud SÁ, 2015). Ainda conforme o autor (2015), o processo atingiu de forma mais intensa 20 (vinte) núcleos do Semiárido onde, com a retirada da vegetação e as chuvas irregulares, características do clima, ocorre a erosão laminar, a cada ano perdendo lâminas de solo.

Estudos mostram que áreas no Semiárido baiano apresentam algum grau de comprometimento dos recursos naturais, onde os sinais de desertificação são evidentes. Nessas áreas, já foi removida tanto a cobertura vegetal como o horizonte superficial do solo, que já não dispõe de capacidade de retenção de água, pela impermeabilidade ou pela permeabilidade excessiva. Assim, cessadas as chuvas, os solos se desidratam. As áreas em processo de desertificação mencionadas encontram-se nas paleodunas, quaternárias, da margem esquerda do Lago de Sobradinho, onde ou não há vegetação ou a que existe é muito esparsa. É o que também ocorre em áreas da região Nordeste da Bahia, em espaços onde os solos já foram substituídos por camadas de seixos e matacões (AOUAD, 1995, p. 33-34 apud MMA, 2004). São necessários investimentos em

planos de manejo florestal sustentável para a Caatinga, com o objetivo de utilizar o bioma de forma adequada e recuperar as áreas degradadas (que levam 30 a 40 anos para serem regeneradas) (SÁ, 2015).

#### *Análise dos Impactos Ambientais Cumulativos e o Pensamento Complexo*

Os processos de licenciamento ambiental são analisados por equipe, onde cada profissional fica responsável por um aspecto (físico, biótico e socioeconômico) ambiental. São realizadas discussões com todos os integrantes, ficando, também, a tarefa de compilação das contribuições a um líder, designado pela coordenação.

O entendimento, mesmo que aproximado, do meio ambiente perpassa por leituras de mundo a partir de correntes dominantes de pensamento. O método de análise cartesiano baseia-se no conhecimento do todo a partir das características das partes. Morin (2006) introduziu o pensamento complexo sobre a realidade, apontando que o todo possui propriedades divergentes do simples somatório das partes.

Conforme Morin (2001b apud SÁ, 2008), o sistema só se constitui quando existe organização e interação entre os elementos constituintes. A relação entre o todo, a totalidade sistêmica e as suas partes é medida por interações. É o conjunto dessas interações entre as partes in acta que gera uma organização que molda e configura sua estrutura interna. A organização dá coerência, regula, mantém, protege, rege o sistema, enquanto as interações exprimem o conjunto de relações, ações e retroações que se manifestam e se desenvolvem dentro de um sistema. Complementa Morin (2006): “mas tais operações, necessárias à inteligibilidade, correm o risco de provocar a cegueira, se elas eliminam os outros aspectos do complexus; e efetivamente, como eu o indiquei, elas nos deixaram cegos”.

O caminho do conhecimento da disciplina pode ocasionar a hiperespecialização do investigador e de coisificação do objeto estudado, como aponta Morin (2007), com o risco de se esquecer que o objeto, na realidade, é extraído ou construído. Ainda considera o autor que são negligenciadas as relações e solidariedades de cada objeto com o universo do qual faz parte. Acerca dos princípios ocultos da redução-disjunção, que esclareceram a investigação na ciência clássica, aponta Morin (2005, p. 31):

são os mesmos que nos tornam cegos para a natureza ao mesmo tempo social e política da ciência, para a natureza ao mesmo tempo física, biológica, cultural, social, histórica de tudo o que é humano. Foram eles que estabeleceram e são eles que mantêm a grande disjunção natureza-cultura, objeto-sujeito. São eles que, em toda

parte, não veem mais do que aparências ingênuas na realidade complexa dos nossos seres, das nossas vidas, do nosso universo.

A palavra multidisciplinar é usada frequentemente na área ambiental, inclusive para se referir à equipe responsável pela análise de processos de licenciamento ambiental. No entanto, certamente a palavra mais adequada à prática seja a de interdisciplinaridade. Pombo (2005) aponta a imprecisão da definição desta e da família de palavras a que a interdisciplinaridade pertence. Estes conceitos partem de disciplinas, em que se pretende inter-relacioná-las ou ir além da própria disciplina (transdisciplinaridade).

Morin (2005) indica diferentes avenidas que conduzem ao desafio da complexidade, como podem ser citadas: irredutibilidade, transgressão, complicação, princípio da não-ordem, organização, princípio hologramático e de circuitos não-fechados e o retorno do observador à observação. Não obstante, a complexidade não consiste em receita, em resposta, mas se revela no problema e na incerteza.

## **Metodologia**

A metodologia baseou-se na análise de Pareceres Técnicos, referentes aos processos de licenciamento ambiental, para a fase de implantação de Parques Eólicos (3): Licença de Implantação, bem como na revisão de Literatura pertinente.

Foram estudados os Pareceres Técnicos, emitidos no órgão ambiental do estado da Bahia-Inema, para concessão de Licença para implantação de três Complexos Eólicos, localizados nos municípios de Sobradinho, Caetitê e Campo Formoso. O tópico a ser analisado – avaliação do cumprimento de condicionantes da Licença Prévia – constitui parte deste tipo de Parecer. Os empreendimentos foram escolhidos de forma que cada um represente um conjunto de Parques Eólicos numa dada área. Os nomes das empresas e dos Parques não serão aqui mencionados, sendo empregadas denominações fictícias – A, B e C. A partir da revisão de Literatura, foram realizadas a análise e a conclusão.

## **Resultados e Discussão**

O quadro abaixo mostra os dados referentes aos três empreendimentos eólicos, objetos deste estudo, a saber, município, potência instalada, área de vegetação suprimida e avaliação de cumprimento da seguinte condicionante: avaliar os Potenciais Efeitos Cumulativos ou

Sinérgicos sobre os meios físico, biótico e principalmente socioeconômico, considerando a localização do Parque Eólico “A” no município.

Complexo Eólico	Município	Potência Instalada (MW)	Área de vegetação suprimida (ha)	Condicionante /LP
A	Caetité	60,40	160,0953	Não
B	Sobradinho	120	159,89	Não
C	Campo Formoso	180	181	Sim

Quadro 1: Características dos Parques Eólicos analisados. Fonte: D.O.E. (2016) modificado pela Autora.

Para os Complexos A e B, constatou-se que a Licença anterior (Prévia) não tratou dos efeitos cumulativos, não sendo objeto de condicionante desta Licença. Enquanto, para o empreendimento C, a condicionante supracitada constitui-se parte integrante da Portaria da Licença Prévia. Neste caso, deve ser avaliado o seu cumprimento no Parecer Técnico, referente à LI. Nesta situação, observa-se que, em resposta, o requerente se atém a aspectos meramente qualitativos e conceituais, enquanto ocorre a supressão de faixas expressivas de vegetação. A discussão e escolha de índices quantitativos, necessários à avaliação da qualidade ambiental, não são objetos apresentados em resposta.

Sob outro aspecto, o texto da Condicionante em questão não especifica nem detalha o que se pretende na resposta por parte do requerente. Este fato pode acarretar uma resposta incipiente e, ao mesmo tempo, uma possível flexibilização na análise do cumprimento da condicionante por parte da equipe técnica.

A avaliação dos efeitos cumulativos se concentra em aspectos qualitativos, sem a delimitação das alterações da qualidade ambiental ao longo do tempo, bem como ações e medidas de melhoria. Dentre os processos de licenciamento, o condicionante, referente aos efeitos cumulativos mencionados, apenas está presente em um dos três processos na fase Licença Prévia. A equipe técnica deve, pois, concentrar-se nesta questão fundamental, apropriando-se do tema e desenvolvendo estratégias de análise.

Verifica-se que a análise é realizada de forma fragmentada, a partir de cada especialização. As atividades são recortadas e as Licenças con-

cedidas, sem planejamento prévio do espaço socioambiental. As atividades se inter-relacionam de maneira complexa, no entanto, a análise recorrida impõe o tom da dita “sustentabilidade”. O modelo, pois, de interpretação da realidade torna-se acentuadamente ineficaz para atender a complexidade do sistema ambiental.

Como resultado da aplicação da metodologia, tendo como foco o objetivo deste artigo, à luz da revisão bibliográfica utilizada, foram listados os seguintes aspectos:

- A pertinência da discussão sobre o efeito cumulativo de vários empreendimentos/ Parques Eólicos associados entre si, quer seja de uma mesma empresa ou várias. Os Estudos Ambientais são produzidos repetidamente por cada empresa e o Estado carece de banco de dados de monitoramento consistente. Não há desenvolvimento de modelos ambientais; calibragem dos mesmos ao longo do tempo.

- Por vezes, mais de uma empresa requer diversas Licenças Ambientais, incluindo a LI, junto ao órgão ambiental, numa mesma microrregião, bacia ou microbacia. No entanto, os Estudos Ambientais apresentados são elaborados isoladamente por cada requerente, sem articulação entre si, nem banco de dados comuns.

- Programas/Planos/Projetos configuram-se como isolados em cada meio – ou físico, ou biótico ou socioeconômico.

Foram destacados pontos importantes para discussão entre os atores da gestão ambiental:

- As empresas requerentes devem integrar os Planos e Programas entre Complexos Eólicos vizinhos. O monitoramento ambiental integrado e conjunto entre empresas de uma mesma bacia deve fornecer dados quantitativos para avaliação do agravamento do processo de desertificação/ e possibilidade de aumento de temperatura – no Semiárido baiano.

- Elaborar metodologia(s) de avaliação dos efeitos da supressão de vegetação pela implantação de Parques Eólicos numa mesma região.

- Definir os Complexos Eólicos vizinhos e a escala de análise de impacto para considerar efeitos cumulativos.

- Empregar variáveis e indicadores quantitativos de avaliação de impactos ao meio físico (estabilidade de taludes; erosão; contaminação por sedimentos de nascentes e corpos hídricos; alteração do uso do solo de propriedades).

- Monitorar variáveis quantitativas; propor e alimentar modelos matemáticos específicos para o comportamento da região/microrregião ao longo do tempo.

- Elaborar mapas para a gestão ambiental e tomada de decisão.

- Integrar dados de monitoramento e o uso e ocupação do solo pelo órgão licenciador. Desta forma, contextualizar-se-ão os resultados de monitoramento produzidos pelo órgão.

- O Estado e as empresas devem articular e motivar o envolvimento das comunidades nos Programas relativos aos meios físico e biótico.

## **Conclusão**

Os órgãos executores da Política Ambiental nos Estados da Federação devem desenvolver metodologia para análise dos efeitos cumulativos desta atividade no Semiárido da Bahia. Observou-se, a partir dos processos analisados, que o Condicionante de avaliação de efeitos cumulativos se reproduz, sem aprofundamento e apropriação da equipe técnica.

O Governo do Estado da Bahia deve alavancar a produção de dados primários para, ao longo do tempo, desde a localização até a operação dos Parques Eólicos, alimentar e calibrar modelos ambientais a fim de avaliar os impactos ambientais pelo efeito cumulativo de um dado grupo de atividades, como o caso da implantação de empreendimentos eólicos em questão.

A implantação de Parques Eólicos no Semiárido baiano deve ser discutida de forma integrada às Políticas de combate à seca, com o objetivo de avaliar a possibilidade de agravamento do processo de desertificação e, conseqüentemente, das condições de sobrevivência nestes locais. Desta forma, os Planos e Programas nacionais e estaduais de combate à desertificação devem se relacionar com o Plano de desenvolvimento econômico para cada região do Semiárido, visando à proteção socioambiental.

A prática de interpretação do meio socioambiental percorre um caminho difícil, rumo à superação das especializações e entendimento do saber complexo. A metodologia de análise dos processos de licenciamento em questão se atém ao somatório de cada interpretação por parte de cada especialista. A Complexidade sequer avista-se nesta abordagem interdisciplinar. O espaço, com suas infinitas propriedades, é recortado por meio dos empreendimentos – os efeitos complexos sobre os meios físico, social e biótico escondem-se neste tipo de abordagem.

Como sugestão de futuras pesquisas, fica, também, o desenvolvimento dos temas supracitados para o envolvimento da área acadêmica.

## REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz. Paleoclimas. São Paulo: Universidade de São Paulo. Instituto de Geografia, 1977.

ANGELOTTI, F.; MAGALHAES, EE. de; BASTOS, D.C. Análise da favorabilidade das condições climáticas à ocorrência de oídio da videira no Vale do São Francisco no período de 1996 a 2006. Centro de Pesquisa Avançada do Tópico do Semi-árido. 2009. Disponível em: <<http://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/575845>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

BARROS, J. D. de S. Mudanças climáticas, degradação ambiental e desertificação no semi-árido. Laboratório de Estudos Contemporâneos. Revista Polêmica. UERJ. Disponível em: <<http://www.polemica.uerj.br>>. Acesso em: 10 set. 2015.

BARROS, J. D. de S. Estoques de carbono em solos dos tabuleiros costeiros paraibanos: diferenças entre ambientes. 2011. 106 f. Dissertação (Mestrado em Recursos Naturais). Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande-PB, 2011. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/8690623-Universidade-federal-de-campina-grande-centro-de-tecnologia-e-recursos-naturais-programa-de-pos-graduacao-em-recursos-naturais.html>>. Acesso em: 04 set. 2015.

Estado da Bahia. Diário Oficial do Estado. 22 dez. 2016.

EVANGELISTA, A.R.S.O. O desmatamento do bioma Caatinga no semiárido baiano: uma análise ecodinâmica. Disponível em: <<http://www.uesb.br/eventos/ebg/anais/4g.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2015.

EVANGELISTA, A.R.S.O. Processo de ocupação do Bioma Caatinga e Suas Repercussões Socioambientais na Sisalândia. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2010. Disponível em: <<http://www.posgeo.ufba.br/disserta%C3%A7oes/ANTONIA%20EVANGELISTA.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

ICMBIO. Relatório anual de rotas e áreas de concentração de aves migratórias no Brasil. Cabedelo/PB. 2014. Disponível em: <[http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/publicacoes/Miolo-Relatorio-Rotas-Migratorias\\_10-02-2015\\_Corrigido.pdf](http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/publicacoes/Miolo-Relatorio-Rotas-Migratorias_10-02-2015_Corrigido.pdf)>. Acesso em: 15 jan. 2016.

LACERDA, F. F.; ASSIS, J.M.O; MOURA, M.S.B. de.; SILVA, L.L.; SOUZA, L.S.B. de. Índices climáticos extremos para o município de Petrolina, PE. Disponível em: <<http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/24518/1/Magna3-2010.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

LACERDA, F.F; NOBRE, P.; SOBRAL, M.C.; LOPES, G.M.B.; CHOU, S.C.; ASSAD, E.D.; BRITO, E. Long-term temperature and rainfall trends over northeast Brazil and cape verde. Journal of Earth Science & Climatic Change. Vol. 6. Issue 8. Disponível em: <<http://dx.doi.org/104172/2157-7617.1000296>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

MORIN, E. A Religação dos saberes. O desafio do século XXI. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MORIN, E. Ciência com Consciência. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, E. Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

MORIN. Introdução ao pensamento complexo. Editora Sulina. 2006. Disponível em: <[http://ruipaz.pro.br/textos/introducao\\_compexidade/files/publication.pdf](http://ruipaz.pro.br/textos/introducao_compexidade/files/publication.pdf)>. Acesso em: 14 dez. 2015.

NOBRE, C.A.; SAMPAIO, G. SALAZAR, L. Mudanças climáticas e Amazônia. Ciência & Cultura, São Paulo, v. 59, n. 3, 2005. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v59n3/a12v59n3.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2015.

PAN-BRASIL. Programa de ação nacional de combate à desertificação e mitigação dos efeitos da seca. Brasília, DF, 242 p., 2004. Disponível em: <[http://www.mma.gov.br/estruturas/sedr\\_desertif/\\_arquivos/pan\\_brasil\\_portugues.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/sedr_desertif/_arquivos/pan_brasil_portugues.pdf)>. Acesso em: 14 dez. 2015.

POMBO, O. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. Liinc em Revista, v. 1, n. 1, Rio de Janeiro: UFRJ/IBICT, p. 3-15, mar. 2005. Disponível em: <<http://www.ibict.br/liinc>>. Acesso em: 23 out. 2015.

SÁ, I. B. de. Desmatamento silencioso da Caatinga tem intensificado a desertificação do semi-árido brasileiro. Entrevista concedida ao Instituto Humanitas Unisinos - IHU, 2015. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/545044-desmatamento-silencioso-da-caatinga-tem-intensificado-a-desertificacao-do-semiarido-brasileiro-entrevista-especial-com-iedo-bezerra-de-sa>>. Acesso em: 23 out. 2015.

SÁ, R.A. de. Pedagogia e complexidade: diálogos preliminares. Educar, Curitiba, n. 32, p. 57-73, 2008. Editora UFPR. Disponível em: <<http://www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs/trabalhos/424-03082010-120956.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2015.

SILVA, J.M.; TABARELLI, M.; FONSECA, M.T.; LINS, L.V. Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para conservação. Brasília: MMA, 2004. Disponível em: <<http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/18306/1/Caatinga.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2015.

TERCIOTE, R. A Energia eólica e o meio ambiente. UNICAMP, 2015. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MS-C000000022002000100002&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MS-C000000022002000100002&script=sci_arttext)>. Acesso em: 18 out. 2015.





**Rosana Batista Almeida.** Graduada em Engenharia Civil (UFBA) e Mestre na mesma área (UFPE), com dissertação defendida na linha de pesquisa Geotecnia Ambiental, voltada a Aterros de Resíduos Sólidos Urbanos. Durante a graduação, foi bolsista de Iniciação Científica no Laboratório de Geotecnia da Escola Politécnica/UFBA onde se envolveu com estudos geotécnicos de encostas e pesquisa laboratorial para implementação de micro ondas na determinação de umidade de solos. Desde 2003, atua como Engenheira Civil no Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (INEMA-BA), onde é servidora pública na função de especialista em meio ambiente e recursos hídricos, desenvolvendo análises de processos de licenciamento ambiental. Tem experiência profissional em Engenharia Civil, com ênfase em Mecânica dos Solos e Licenciamento Ambiental. Os seus interesses de pesquisa se voltam para a área de Comportamento de Solos não Saturados e Geotecnia Ambiental - estudo do comportamento de biodegradação da massa de lixo; geração e aproveitamento do biogás (CH<sub>4</sub>) gerado em aterros de resíduos sólidos urbanos.

## CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feministas: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert  
*O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo* – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Montañó
- N. 04 *Ermani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Suzana Klipp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Edison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Krischke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Giacobá Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nisia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
- N. 32 *À meia luz: emergência de uma Teologia Gay* – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Ailton Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Edison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadieu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadieu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Éilda Azevedo Henington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Thomas Kesseling  
*Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desemprego na Europa e no Brasil* – An Vranckx
- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
- N. 56 *O decrescimento como condição de uma sociedade convivial* – Serge Latouche
- N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
- N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
- N. 59 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
- N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
- N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman
- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isaia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoece: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Ney Lemke

- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campepinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Octávio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Biótica* – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnologia* – Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Mariângela Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valério Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montano
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baio
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminoti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascuo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexões na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel*
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Ederson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borja da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta

- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greycy Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lokmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pomalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasseman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapá-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsetto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Mariéles Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Torgo Wickstrom Alves
- N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
- N. 198 *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari
- N. 200 *Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
- N. 202 *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
- N. 203 *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Gohn
- N. 204 *As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend* – Miguel Ângelo Flach

- N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato
- N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual* – Karla Saraiva
- N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
- N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 *As possibilidades da Revolução em Elul* – Jorge Barrantes-Parra
- N. 210 *A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben* – Márcia Rosane Junges
- N. 211 *Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo* – Sandra Caponi
- N. 212 *Verdade e História: arqueologia de uma relação* – José D'Assunção Barros
- N. 213 *A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ* – José Odelson Schneider
- N. 214 *Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze* – Sandro Chignola
- N. 215 *Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação* – Alejandro Rosillo Martinez
- N. 216 *A realidade complexa da tecnologia* – Alberto Cupani
- N. 217 *A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend* – Hans Georg Flickinger
- N. 218 *O ser humano na idade da técnica* – Humberto Galimberti
- N. 219 *A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre* – Halina Macedo Leal
- N. 220 *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil* – José Eduardo Franco
- N. 221 *Neurofuturos para sociedades de controle* – Timothy Lenoir
- N. 222 *O poder judiciário no Brasil* – Fábio Konder Comparato
- N. 223 *Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão* – Jesús Conill Sancho
- N. 224 *O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867)* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 *O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais* – Xavier Albó
- N. 226 *Justiça e perdão* – Xabier Etxebarria Mauleon
- N. 227 *Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor)* – Martín Almada
- N. 228 *A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo* – Sandro Chignola
- N. 229 *Um olhar biopolítico sobre a bioética* – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 *Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil* – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 *Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida* – Jesús Conill Sancho
- N. 232 *Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul* – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 *Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança* – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 *O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira* – Róber Humet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 *Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945)* – Mozart Lihnires da Silva
- N. 236 *Economias Biopolíticas da Dívida* – Michael A. Peters
- N. 237 *Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação* – Halina Macedo Leal
- N. 238 *O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global?* – Leandro Inácio Walter
- N. 239 *Brasil: A dialética da dissimulação* – Fábio Konder Comparato
- N. 240 *O irrepresentável* – Homero Santiago
- N. 241 *O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno* – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 *Uma crise de sentido, ou seja, de direção* – Stefano Zamagni
- N. 243 *Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão* – Dirce Koga
- N. 244 *A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal* – Alexandre Filardi de Carvalho
- N. 245 *Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo* – Moysés da Fountoura Pinto Neto
- N. 246 *O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo* – Andrea Fumagalli
- N. 247 *Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo* – Dora Lília Marin-Díaz
- N. 248 *Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia* – Roberto Romano
- N. 249 *Jesuitas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980)* – Iraneilson Santos Costa
- N. 250 *A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet* – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 *Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira* – Francini Lube Guizardi
- N. 252 *A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade* – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 *Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades?* – Vinicius Nicastro Honesko
- N. 254 *Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva* – Jean-Bosco Kakzi Kashindi
- N. 255 *Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles* – Marcelo Castañeda
- N. 256 *Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira* – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 *Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização* – Altair Sales Barbosa
- N. 258 *O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder* – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 *Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical?* – Moysés Pinto Neto
- N. 260 *Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre?* – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 *Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo* – Henrique Costa
- N. 262 *As sociabilidades virtuais globalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife* – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 *Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira* – Sauro Bellezza
- N. 264 *Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS)* – Stela N. Meneghel
- N. 265 *Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum* – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 *Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos* – Aline Albuquerque
- N. 267 *O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil* – Giuseppe Tosi
- N. 268 *Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia?* – Alana Moraes de Souza
- N. 269 *A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente* – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 *O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna* – Viviane Zaremski Braga
- N. 271 *O que caminhar insano sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza* – Flavio Williges
- N. 272 *Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana* – Rafael Lopez Villaseñor
- N. 273 *Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira* – Celso Gabatz
- N. 274 *Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo* – Acacium Oliveira

- N. 275 *Tendências econômicas do mundo contemporâneo* – Alessandra Smerilli
- N. 276 *Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord* – Atílio Machado Peppe
- N. 277 *O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social* – José Roque Junges
- N. 278 *Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo* – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Murj Scailco
- N. 279 *O mal-estar na cultura medicamentalizada* – Luis David Castiel
- N. 280 *Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia* – Alain Gignac
- N. 281 *A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual* – Mário José Maestri Filho
- N. 282 *A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo* – Angela Ganem
- N. 283 *Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome* – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 *Renda básica em tempos difíceis* – Josué Pereira da Silva
- N. 285 *Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras* – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 *O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço* – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 *A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk* – Itamar Soares Veiga
- N. 288 *Para arejar a cúpula do judiciário* – Fábio Konder Comparato
- N. 289 *A Nova Providência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira* – Mari-  
linda Marques Fernandes
- N. 290 *A Universidade em busca de um novo tempo* – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 *Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo* – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 *As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras* – Aloir Pacini
- N. 293 *Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus* – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 *O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî* – Faustino Teixeira
- N. 295 *Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer* – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 *O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade* – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 *Escatologias tecnopolíticas contemporâneas* – Ednei Genaro
- N. 298 *Narrativa de uma Travessia* – Faustino Teixeira
- N. 299 *Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver* – Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 *Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução científica na análise econômica* – Armando de Melo Lisboa
- N. 301 *Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular* – Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 *Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas* – Renata Tomaz
- N. 303 *A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre* – Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 *Ártico, o canário da mina para o aquecimento global* – Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 *A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa* – Aline Weschenfelder



**UNISINOS**